

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, CONDIÇÃO ESSENCIAL DE ENRIQUECIMENTO TEÓRICO-PRÁTICO PARA O ATENDIMENTO À DIVERSIDADE ESCOLAR.

Daniela Coutinho de Moraes Escórcio¹

O homem existe-existere-no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele
Temporaliza-se

Paulo Freire

INTRODUÇÃO

O percurso histórico do processo de formação está diretamente atrelado ao significado oferecido à educação no contexto da sociedade brasileira. Até a década de 70, a educação no Brasil possuía um viés anti-democrático; e o principal objetivo da escola era “moldar” os alunos conforme os interesses das classes que possuíam o poder econômico e político. Neste contexto, não havia uma preocupação com a formação oferecida para os profissionais professores.

Fruto das reivindicações dos movimentos organizados pela democratização do país, a partir da década de 70, ocorrem avanços importantíssimos no campo educacional. A constituição de 1988, intitulada de “Constituição Cidadã”, é um marco histórico; bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9.394/96. Estas leis constituem em um avanço extraordinário, no que diz respeito à expansão da escola pública, com ênfase na qualidade desta.

E tendo como base a concepção democrática de que a educação escolar de qualidade é condição de garantia de direitos e de construção do exercício da cidadania, é que na sociedade atual, há a necessidade de se repensar a formação dos professores. A escola atual, ainda exclui um contingente de alunos, por não terem um comportamento padrão, em termos de desenvolvimento da aprendizagem, linguagem, características sócio-econômicas favoráveis; ou em muitos casos, por terem algum déficit ou deficiência; precisando, neste sentido, urgentemente repensar a sua prática. Assim, acreditamos que a formação continuada dos professores necessita ser aprimorada, objetivando o enriquecimento teórico-prático para o melhor acompanhamento da diversidade escolar,

¹ Mestranda em educação pela UFPI
Graduada em Pedagogia pela UESPI e Serviço Social pela UFPI
Especialista em Psicologia Educacional pela PUC/MG
Coordenadora da Divisão de Educação Especial da SEMEC

visando oferecer oportunidades de desenvolvimento das potencialidades de todos os educandos.

E para analisarmos a importância da formação dos professores para o bom desempenho da prática, faremos uma contextualização da trajetória profissional dos professores, destacando três aspectos desta prática; mostrando a relevância dos mesmos e a necessidade da busca da coerência, tendo em vista a melhor formação e a construção coletiva de saberes; para tanto nos fundamentamos nos escritos de Donald Schön, Antônio Nóvoa, Maurice Tardif, José Contreras, Philippe Perrenoud, Valter Soares Guimarães, entre outros.

Os três aspectos aos quais destacaremos e analisaremos separadamente, são o fazer profissional dos professores como profissionais técnicos como profissionais reflexivos e por último como profissionais reflexivos e autônomos. Diante da análise destas três dimensões, procuraremos demonstrar a relevância da dimensão do professor como profissional reflexivo e autônomo como condição necessária para responder às necessidades de um projeto educacional que contemple a diversidade.

OS PROFESSORES COMO PROFISSIONAIS TÉCNICOS:

A Pedagogia baseada nos conhecimentos científicos, tende a legitimar tais conhecimentos, em detrimento dos saberes que os professores já possuem. No âmbito escolar ainda prepondera na prática a lógica da racionalidade técnica; ou seja, exige-se do professor um montante de habilidades, métodos e técnicas, que deverão ser adquiridos no processo de formação e aplicados na sala de aula. A lógica do ensino é a aplicação rígida de meios para adquirir determinados fins. O processo de ensino prioriza a transmissão de conteúdos teóricos, sem uma investigação mais profunda do conhecimento.

O ensino que tem como parâmetro a lógica da racionalidade técnica é contrário ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva e humana. Demonstra a incapacidade para resolver e tratar tudo o que é imprevisível. E no âmbito da escola, quando falamos de seres humanos únicos, ativos e sociais, o imprevisível é o que mais acontece. É neste sentido, que Maurice Tardif, alerta. “Se a Pedagogia é a tecnologia do trabalho docente, a natureza e a função dessa tecnologia são inseparáveis das outras dimensões da atividade profissional dos professores.” (2002, p.112).

Ainda de acordo com Tardif (2002), a Pedagogia não pode ser reduzida à técnicas materiais e técnicas específicas de ensino, é muito mais abrangente, envolve a

transposição didática, a gestão da matéria, a motivação dos alunos, a relação professor-aluno etc. O trabalho docente comporta objetivos variados e constitui-se em uma tarefa coletiva e temporal, de efeitos incertos, os objetivos são gerais e não operatórios, exigem uma adaptação constante às circunstâncias particulares das situações de trabalho, que são os seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo.

Considerando o professor como profissional técnico, na prática constitui-se numa visão reduzida e unilateral e, portanto, contrário ao processo educacional democrático, com vista à garantia do direito à educação para todos os sujeitos; especialmente dos alunos que possuem déficit ou deficiência, e que por muito tempo foram excluídos da escola. No contexto educacional de hoje, não se pode conceber práticas profissionais neutras e centradas em objetivos pré-determinados; neste sentido, é que a lógica da racionalidade técnica se constitui em prática ante-democrática e, portanto, não responde as reais necessidades da escola.

As escolas que trabalham ainda na lógica da racionalidade técnica são escolas que não aceitam as diferenças, principalmente relacionadas a déficit ou deficiência, porque seguem modelos rígidos.

Para Stainback e Stainback, (1999, p.125),

...a padronização dos programas de ensino, da avaliação e dos métodos é prejudicial não só para a inclusão escolar mas para toda a educação. Os alunos não são iguais. Essa diversidade entre eles é amplamente reconhecida, mas práticas e procedimentos que ignoram esse foco continuam existindo na maior parte dos sistemas escolares.

A escola atrelada a modelos rígidos, não possui abertura para a diversidade, e em um país desigual como o Brasil a diversidade é um traço marcante da universalização do ensino.

PROFESSORES COMO PROFISSIONAIS REFLEXIVOS:

Relativo aos saberes e práticas docentes, os professores possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. Os professores de profissão não são meros reprodutores de

conhecimentos produzidos por outros; ao contrário, possuem conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais se orientam. Este conhecimento é fruto do processo de reflexão da prática cotidiana.

Os estudos de Schön (1987) destacam o processo de flexibilidade dos professores, com ênfase em dois aspectos, a reflexão-na-ação e a reflexão-sobre-a-ação. A primeira ocorre na prática diária, é repentina e não antecipada; a segunda refere-se ao pensamento deliberado e sistemático, é uma reflexão após a ação.

Observa-se que a reflexão é fator importante para construção dos saberes; no entanto há a necessidade de análises conjuntas dos problemas reais da escola, embasados em teorias que ajudem a melhor compreender a dinâmica das necessidades escolares. É neste contexto, que Candau (2002), identifica a escola como lócus de formação continuada; no entanto, a mesma adverte que estar na escola não garante as condições mobilizadoras da formação, esta exige uma prática reflexiva, baseada na construção coletiva dos conhecimentos com ênfase na pesquisa-ação, onde os professores sejam formadores e formandos, ou seja, atores e autores da sua prática.

Conteras (2002), no livro “Autonomia dos professores”, também adverte como Vera Candau sobre a dificuldade de compreensão a respeito do que seja uma prática reflexiva. Observa que prosperou uma difusão do termo “reflexão”, sem uma concretude sobre o mesmo, e perdeu o sentido utilizado por Schön. A mentalidade instrumental e técnica ainda hoje muito presente nas escolas, aparecem com o viés de prática reflexiva, com o objetivo de responsabilizar os professores pelos problemas educativos. A idéia do professor reflexivo, sem compreender o real significado do que seja reflexivo, pode gerar maiores responsabilidades para os professores, sem autonomia.

A reflexão na ação e sobre-a-ação descrita por Schön compreende aquela como um processo que incorpora a consciência sobre as implicações sociais, econômicas e práticas da prática de ensino. É preciso, assim compreender que o professor como profissional reflexivo, não pode se limitar ao aspecto micro da sala de aula. A reflexão atrelada somente ao trabalho do professor em classe, torna-se limitada e insuficiente para elaboração de uma compreensão teórica mais ampla dos elementos que condicionam sua prática profissional. No entanto, sabemos que no contexto atual os professores, como salienta Tardif (2002) “ocupam uma posição desvalorizada com relação aos saberes e de exterioridade”. Como podemos falar de flexibilidade crítica, quando os formadores universitários assumem as tarefas de produção dos saberes científicos e pedagógicos,

cabendo aos professores somente apropriarem-se destes saberes, no decorrer da formação, ocorre uma separação entre os que constroem o conhecimento e os que executam.”

Os professores de profissão necessitam ser reconhecidos com o verdadeiro status de profissionais produtores de conhecimento, para tanto há a necessidade da colaboração e união de todos, desde o pré-escolar até a universidade.

Nesta perspectiva, situa-se Novóia (1991, p.25), quando afirma:

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturarem em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos.

A formação necessita neste sentido estar diretamente relacionada ao contexto escolar. A reflexão assume posição essencial desde que esteja articulada com o contexto mais amplo, onde o professor tenha consciência das suas ações, possua autonomia no seu fazer pedagógico. Do exposto, passamos ao terceiro aspecto do processo de formação profissional, do qual consideramos o mais completo e capaz de melhor responder as demandas reais das escolas. Escola esta que reconheça e considere as diferenças entre os alunos e outros membros escolares como fonte de aprendizagem.

PROFESSORES COMO PROFISSIONAIS REFLEXIVOS E AUTÔNOMOS:

É preciso reconhecer que os professores, fruto do trabalho reflexivo e coletivo produzem conhecimento, no entanto, torna-se necessário que este conhecimento seja melhor sistematizado para que o professor seja valorizado como um profissional capaz de gerir o seu trabalho, com responsabilidade e autonomia, ou seja conscientes do que fazem e porque fazem.

Na realidade atual, em que a diversidade é o traço mais marcante do contexto escolar, a formação inicial e continuada constitui-se como essencial para que o professor possa munir-se de instrumentais teórico-práticos para responder as demandas da escola.

De acordo com Contreras (2002,p.152),

Na perspectiva do profissional reflexivo a autonomia se constitui a partir da forma como os sujeitos se relacionam, baseada na colaboração, no entendimento, no diálogo. O perigo dessa visão é que possa reduzir o significado da autonomia à reflexão e negociação dos limites do presente e dos contextos nos quais os professores se socializam. Para uma verdadeira autonomia exige-se um distanciamento crítico, a análise da própria prática, das razões que sustentam as decisões e dos contextos que as limitam e condicionam, ultrapassando os limites que as circunstâncias da prática impõem para sua compreensão mais ampla.

Os professores perdem autonomia quando são excluídos dos processos de concepção educativa. Mas também permanecem à margem do debate sobre a prática do ensino do qual são seus protagonistas mais imediatos. A prática profissional autônoma requer a participação por parte dos professores, de forma a estabelecer conexões entre a sua experiência interna de ensino e seu significado e repercussões sociais. É preciso reconhecer uma margem mais ampla de decisão e atuação dos professores. Estes precisam ser protagonistas, desde o desenvolvimento dos currículos escolares, bem como elaboradores ativos de conhecimento profissional e prático.

Compreende-se que o professor precisa fazer da escola, um espaço de formação onde a reflexão e a autonomia sejam constantes para que realmente a escola atenda à diversidade de todos os sujeitos garantindo a igualdade de direitos.

De acordo com Guimarães (2004), a busca da reestruturação da formação do professor fez surgir um movimento de pesquisa para ressignificar a profissionalidade docente. Atribui-se atualmente papel fundamental à pesquisa como prática mobilizadora de reflexão sobre o trabalho.

Ocorre uma mudança de “paradigma”, no processo de formação, de uma racionalidade técnica para uma racionalidade prática, em que se privilegiam modalidades formativas articuladas com os contextos de trabalho; surgindo uma identidade profissional mais reflexiva. As práticas formativas devem estar preparando os futuros educadores para atuarem em contextos de incerteza, com múltiplas determinações, demandando saberes plurais, que contribuam para autonomia profissional. A autonomia está relacionada aos saberes profissionais em correspondência com a realidade; compreendida como um ofício pleno de saberes, ou fruto de saberes que são construídos em ação. Saberes estes como salienta Tardif, que são temporais, plurais, personalizados e com marcas do humano. Compreender melhor a identidade profissional construída e

constituída fruto da relação entre escola e estado, que gera em consequência saberes docentes é condição inegável para a melhoria da formação dos professores. Estudos e pesquisa são importantes nesta busca, estudos que considerem a prática escolar como elemento preponderante para entendimento desta.

Compreende-se, neste contexto, a partir das idéias de Perrenoud, que os cursos de formação inicial bem como a formação continuada precisam estar articulados com os reais problemas escolares para que a escola realmente cumpra seu papel social, levando-se em consideração que a escola atual precisa ter uma nova postura, compreendendo que os alunos possuem estágios de desenvolvimento, atitudes, personalidade, relações com a língua e com o saber que são muito diferentes, assim a profissionalização docente precisa considerar e valorizar a diversidade como fator de enriquecimento das aprendizagens escolares.

Para que a escola esteja aberta à inclusão de todos, inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais especiais, é indispensável que a escola aprimore suas políticas, a fim de atender as diferenças. E este aprimoramento só será possível através da reflexão prática do fazer docente. Conforme PERRENOUD (1993), “o papel dos institutos de formação inicial é contribuir para a profissionalização, preparando os professores para exercer uma profissão nova”. Ainda de acordo com Perrenoud parece que só os professores da educação especial são preparados para trabalhar com os alunos tal como são. A prática didática ainda cala a irredutível diversidade dos alunos.

Os professores precisam trabalhar nas escolas uma atmosfera de trabalho aberto, com estratégias conjuntas de reflexão e aprimoramento da prática, inclusive com a participação da comunidade escolar. O professor necessita ser sujeito consciente do seu papel, e que como gestor de uma sala de aula, precisa tomar decisões, considerando sempre as implicações mais amplas que estão relacionadas com a sua prática, ou seja, considerando o contexto escolar como um todo.

Ainda de acordo com Perrenoud (1993, p.25),

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que favoreça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que também é uma identidade profissional.

A transformação da escola não é uma mera exigência do acompanhamento dos alunos com deficiência na escola, deve ser encarado como fator de formação, de

aprendizagem conjunta e que terá a inclusão, o atendimento à diversidade como consequência, neste sentido é que a escola necessita estar preparada para atender com responsabilidade a todos. Para Stainback e Stainback, (1999, p.27)

É discriminatório que alunos com deficiência devam conquistar o direito ou estar preparados para serem incluídos na escola regular. É absurdo esperar que os pesquisadores educacionais provem que eles podem ser beneficiados da educação em termos regulares, enquanto outros alunos têm acesso irrestrito ao ensino simplesmente porque não tem esse rótulo.

A formação continuada constitui-se assim em fator determinante para o aprimoramento da prática com vistas à inclusão de todos os alunos e à prática autônoma dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O desenvolvimento de uma nova cultura profissional com vistas ao aperfeiçoamento teórico-prático para o atendimento à diversidade escolar, requer um modelo de formação inicial, bem como continuada que promova a preparação de professores reflexivos, onde estes acreditem na importância do desenvolvimento profissional e participem como protagonistas na implementação das políticas educativas, onde sejam construtores de saberes e valores que irão de encontro aos problemas e interesses da escola, tendo como referência o trabalho coletivo e sistematizado no contexto escolar, visando à consolidação de uma profissão que tenha como eixo a reflexão e como base a autonomia. É neste sentido, que a prática deve constituir-se em aspecto primordial no currículo da formação de professores. A formação deve começar pelo o estudo e análise do ato de ensinar, incorporando neste contexto a análise de problemas e interrogações que surgem no dia-a-dia, bem como a consciência da diversidade escolar. Assim, os professores desde o início da prática docente precisam estar preparados para compreender e reconhecer as diferenças como capital de aprendizagem.

A profissionalidade docente que busque a construção de uma escola democrática e em consequência uma sociedade inclusiva constitui-se em processo fundamental para o

desenvolvimento de um estado democrático. A inclusão é a garantia, a todos, do acesso ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade esta que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, em todas as dimensões da vida, sendo a escola fator determinante para inclusão de todos.

REFERÊNCIAS:

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa, Antonio (Coord). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. P.15-34.

SCHON, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In. Nóvoa, Antônio (Coord). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa. Dom Quixote, 1995. p.77-92.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação inicial**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa. Dom Quixote, 1993.

STAINBACK, S e STAINBACK, W. **Inclusão**. Um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GUIMARÃES, Valter Sares. **Formação de professores: Saberes, identidade e Profissão**. Campinas-SP: Papyrus, 2004.